
MENSAGEM ÀS PESQUISADORAS E PESQUISADORES: OS DESAFIOS QUE ENFRENTAMOS E OS COMPROMISSOS QUE TEMOS

José Henrique de Faria¹

Partindo do nosso fazer acadêmico, temos todas e todos a obrigação e a responsabilidade de, com as muitas dificuldades que este fazer contém, definir a posição de intransigente defesa dos direitos humanos em sua amplitude social, e de preservação das condições isonômicas objetivas nas relações que produzem a existência. Se há um pressuposto ou uma definição pré-categórica no fazer acadêmico, somente pode ser aquele que tenha por referência os critérios de justiça social sem exclusão.

A pesquisa precisa dar respostas à emancipação da sociedade. Esse deve ser o maior de todos os compromissos do nosso fazer. Neste momento, em que somos criticados exatamente por sermos capazes de propor uma crítica elaborada, temos que dar a mais original e consistente resposta, que está necessariamente na condição de reafirmar e tensionar a crítica sem concessões.

Elaborar a crítica é o fundamento do Ato Epistêmico. Mas este Ato precisa chegar onde é necessário e ser acessível a quem dele precisa. Há um evidente excesso de espaço para manifestações, publicações, discursos e anúncios que acolhem a lógica da reprodução das condições excludentes de vida em sociedade. Há redes sociais, blogs, mídias, bem como periódicos e editoras acadêmicas, que oferecem este espaço de poder que permanentemente reassegura o lugar dos dominantes na estrutura de dominação. Ao mesmo tempo, há uma evidente escassez de espaço para a crítica, o que exige uma luta constante para garantir o lugar dos enfrentamentos. É precisamente este espaço de resistência, que é tão caro à crítica, que passa a ser também objeto do desejo dos que se dedicam à reprodução da ordem metabólica do capital, dos conservadores que cumprem plantão nas feiras de negócios

¹Professor Titular do PPGADM –UFPR. E-mail: jhfaria@gmail.com

acadêmicos, dos defensores dos interesses dominantes, dos que se apropriam do sistema de poder institucional e de seu discurso. Por que eles miram este espaço da crítica e da resistência? Exatamente para aniquilá-lo, já que não conseguem enfrenta-lo no campo da pesquisa objetiva. Destituídos de teoria transformadora e de metodologia científica crítica, resta-lhes a sempre útil abstração mística e os modelos explicativos convencionais que servem de justificação à manutenção da estrutura.

Por isto, por maiores que sejam as diferenças epistemológicas e ontológicas que o lugar da crítica ocupa, somos, como pesquisadores vinculados a esta prática, forjados na luta histórica e aprendemos a refletir e enfrentar a liturgia do poder. É neste sentido que sabemos não ser nenhuma surpresa que aqueles que já ocupam o comando das principais instituições e organizações também queiram ocupar os espaços de resistência, já que não suportam a exposição das diferenças e da oposição. Os ataques se organizam em discursos e ações que, sendo incapazes de enfrentamentos no campo concreto objetivo do fazer científico, pretendem reduzir a prática acadêmica à balbúrdia, ao chamado criticismo radical, à intransigência na definição teórica e conceitual. Ao mesmo tempo que atacam a crítica e os pesquisadores críticos, estes grupos que representam as classes dominantes ou o poder institucional, pretendem falar em nome dos interesses sociais. Se dizem defensores de projetos sociais enquanto apoiam o centralismo academicista, o produtivismo e as políticas que fazem minguar o financiamento em desenvolvimento científico, tecnológico e em projetos de extensão, socialmente vinculados. Não é um paradoxo. Não é uma contradição. É uma política de poder.

Neste momento, talvez mais do que antes, precisamos reafirmar nosso espaço de resistência, especialmente quando somos covardemente atacados por forças políticas retrógradas, quando somos submetidos a processos produtivistas de avaliação sem qualquer compromisso ou sem qualquer vínculo social e quando a pesquisa crítica e transformadora é tratada de forma marginal e com desdém. Estas críticas, de base artificial, ainda que efetivas, são construídas não apenas nas agências de formação e nos aparelhos políticos e repressivos de Estado, nas unidades produtivas privadas, nas associações mercantis e industriais de classe, mas, especialmente, no interior das próprias organizações acadêmicas.

Sabemos, de forma factual e histórica, que quanto mais reduzidos são os recursos para a pesquisa, mais as instituições e grupos privilegiados estabelecem parcerias com o poder político e com os negócios e desencadeiam processos predatórios em relação aos pesquisadores independentes, ao mesmo tempo em que espalham narrativas falaciosas sobre a constituição de redes solidárias de projetos acadêmicos com finalidades sociais. São narrativas antigas e ardilosas.

Se, como espaço de resistência, somos objeto do desejo dos que nos tratam com desprezo institucional, é também porque somos capazes de causar incômodo. Mas não podemos orientar nossas pesquisas para esta finalidade de causar incômodo, pois esta atitude implica que nossa ação e nossas investigações sejam pautadas pelo conservadorismo retrógrado e pela estrutura de poder. Causar incômodo deve ser o resultado do que fazemos e não um projeto.

Por isto é que devemos, como pesquisadores independentes, continuar representando o protagonismo na produção acadêmica e científica crítica; na autonomia na definição dos temas de pesquisa e em sua realização; e no engajamento a posições que estejam diretamente relacionadas aos movimentos sociais transformadores, vinculados aos interesses dos trabalhadores. É nosso compromisso ser intransigentemente contra o racismo, contra todas as formas de preconceito, contra a discriminação e as fobias em suas diferentes manifestações, contra a exclusão social e a condenação de pessoas a viver uma vida sem dignidade, contra a destruição da natureza, contra a exploração, contra o trabalho infantil e contra o desrespeito à dignidade humana em quaisquer circunstâncias.

É neste sentido que devemos continuar lutando pela defesa dos princípios que deram origem à nossa organização de pesquisadores em Estudos Organizacionais; manter a postura crítica nos campos acadêmico, econômico, jurídico-político e social, referenciada nas lutas e movimentos sociais; defender a qualidade e a pertinência ontológica, epistemológica, metodológica e teórica da pesquisa para além dos critérios oficiais; lutar pelo estabelecimento de critérios de avaliação de produção científica que contemplem posicionamentos críticos e que valorizem a autêntica autonomia na produção acadêmica.

Podemos ter, e temos, diferentes olhares e perspectivas ontológicas, epistemológicas, metodológicas e teóricas com relação a como fazer as pesquisas, mas como pesquisadores não

podemos conceder ao sistema de poder dominante qualquer forma de imposição, limitação, exclusão, discriminação, ameaça ou censura, pois isto representa a trucidação da pesquisa. Nossa luta não pode ser pela reforma do sistema de poder, mas contra ele e contra tudo o que ele representa.

Os enfrentamentos são muitos. Tudo que as civilizações historicamente construíram, durante milênios, sobre parâmetros éticos, compromissos sócio-políticos e critérios de justiça, com todas suas contradições, estão sendo cotidianamente rompidos, sem qualquer obstáculo jurídico-institucional, a favor da generalização da banalidade do mal, para usar uma expressão de Hanna Arendt. A ausência de civilidade, de elementar respeito à condição humana e aos direitos básicos, torna-se uma prática comum, ornamentada pelo autoritarismo, pelo preconceito, pelos acordos e ações espúrias, pelo desequilíbrio e destempero emocional, pela exacerbação dos privilégios e favorecimentos, pela proteção aos crimes e às milícias, pela desfaçatez, pela dilapidação do patrimônio público e social, pelo envenenamento do ambiente e sua degradação em benefício de interesses econômicos, pela destruição da educação pública, pelos assaltos aos direitos à saúde e à previdência, pela demolição perversa das relações de trabalho, pelas tentativas obscurantistas de bloquear a realização de pesquisas críticas autônomas, entre tantas outras atrocidades.

Para enfrentar estes desafios, nós, pesquisadores independentes e organizados como Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais – SBEO, devemos estar juntos na luta política e na produção acadêmica, apoiando aqueles que nos representam nas instâncias organizacionais, participando das atividades e disponibilizando nossa experiência, porque, em síntese, com nossas concordâncias e diferenças, somos inteiramente responsáveis pela SBEO e pela garantia da permanente realização do projeto que a constituiu.